

CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

18



Ἰσθμίου Παναθηναίων ἑορτῆς ἐπισημοῦς
ἡμετέρας ἀποστολῆς ἀποστολῆς ἀποστολῆς
ΜΗΝΙΝ ΑΕΙΔΕ ΘΕΑ ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

na versão hieroglífica, com as respectivas transliterações e traduções dos nomes (pp. 292-296). Segue-se um resumo da obra em francês (pp. 297-347), que inclui um índice antroponímico, e o catálogo das principais tumbas saïtas (pp. 349-454) com as suas plantas.

A agradável e muito instrutiva leitura deste volume apenas nos sugere um reparo breve: é que tanto se utiliza aqui a expressão «període saïta» (nomeadamente no título da obra) como «època saïta», uma anomalia que de resto também se detecta em textos de timbre egiptológico produzidos no nosso país. Salvo melhor opinião, e até pensando sobretudo nos leitores, seria muito eficaz estabilizar a terminologia temporal mantendo as grandes épocas da história egípcia (Império Antigo, Império Médio, Império Novo e Época Baixa) com as suas subdivisões em períodos: é o caso, por exemplo, da evidente e bem conhecida sub-divisão da época áurea do Império Novo em período tutmésida, período amarniano, período ramsésida, entre outros, ou, no caso da Época Baixa, em período saïta, período persa, período mendesiano, etc.

Estamos, em suma, perante um útil, exaustivo e bem fundamentado trabalho de investigação de uma egiptóloga que soube muito bem aliar a sua actividade prática de escavação no Egipto com a produção científica literária que a egiptologia ibérica e a egiptologia internacional muito agradecem.

Luís Manuel de Araújo

JEAN-PIERRE CORTEGGIANI, *L'Égypte Ancienne et ses Dieux. Dictionnaire illustré*, Paris: Librairie Arthème Fayard, 2007, 592 pp., profusamente ilustrado, ISBN 978-2-213-62739-7.

Se um dicionário é um eficaz instrumento de trabalho para, com certa facilidade, se poder folhear em direcção ao verbete que se pretende, no caso de um tema tão difícil como o da identificação das divindades do antigo Egipto essa pesquisa fica muito mais facilitada. É que os deuses são às centenas, por vezes com estranhos nomes e complexas iconografias, aos quais se misturam «génios» e «demónios» que nem sempre constam em obras sobre a religião egípcia. E se o leitor não se surpreende com a presença de Ré, Tot, Ptah, Osíris, Hórus, Amon, entre outros grandes deuses do antigo Egipto, ou deusas como Hathor, Maet ou Ísis, já pode ficar algo perturbado por lá ver

Aasenedj (divindade ofiocéfala de Edfu), Agebuer (protector dos altares, mencionado nos velhos «Textos das Pirâmides»), Anemher (divindade secundária de Athribis), Ched (deus salvador, talvez de origem asiática), Chepsi (ignoto deus lunar), Chemanefer (deus crocodilo), Duauer (divindade que personificava a barba real), Gehemsu (divindade falcónida), Ha (deus do deserto ocidental), Herimaet (génio funerário), Merimutef (deus carneiro da região de Assiut)... Pois é, neste dicionário estão lá todos – ou quase todos, dado que o Autor não pretendeu oferecer um exaustivo rol do panteão.

Que a religião era a componente fundamental da civilização egípcia sabemos bem, e exemplos não faltam nos muitos monumentos que nos chegaram: nas paredes de túmulos e templos as divindades desfilam ante nós, em representações que o tempo e a incúria dos homens por vezes maltrataram. São por outro lado inumeráveis as estatuetas e figurações de deuses em diversos suportes, dos adornos aos objectos votivos, que os museus com colecções egípcias exibem com notável abundância.

São na verdade incontáveis os deuses que povoavam o rico e complexo panteão egípcio, como reconhece o texto de contracapa que apresenta a obra: «des grands dieux cosmiques aux “génies” émissaires, des divinités de stature nationale aux obscures “démons” de la religion funéraire, des dieux adorés localement aux divinités venues de l'étranger, les dieux qui pleuvent le panthéon égyptien ne se comptent pas: il est illusoire de vouloir en dresser un catalogue exhaustif, mais tenter de mieux les connaître est une façon d'approcher la civilisation à laquelle ils doivent d'exister».

Partindo desta premissa, Jean-Pierre Corteggiani, experimentado egiptólogo que já foi bibliotecário do prestigiado Institut Français d'Archéologie Orientale, sediado no Cairo, passando depois a ser o seu director para as relações científicas e técnicas, achou por bem desenvolver o seu anterior trabalho sobre *Les Dieux de l'Égypte* (Paris, 2002), que agora inclui mais divindades e muitas ilustrações, as quais consistem em fotos de túmulos e templos ou materiais funerários, completados pelos bons desenhos de Laïla Menassa.

Como seria de esperar, aos grandes deuses foi dedicado maior espaço de texto e de imagens. Assim o sábio Tot é descrito em 10 colunas (pp. 543-548), o conhecido Osíris, deus da eternidade (pp. 397-401), é apresentado em 9 colunas, tal como o crespo Set (pp. 591-506), o copulador Min (pp. 332-336) dispõe de 8, o poderoso Amon (pp. 29-32) viu-se contemplado com 7 colunas, as mesmas que foram reser-

vadas para Aton (pp. 59-63), Atum (pp. 63-66), Hórus (pp. 215-218) e Ré (pp. 462-465), ficando com 6 Chu (pp. 105-108) e Khonsu (pp. 273-276). A deusa Ísis é descrita em 10 colunas (pp. 244-249), Mut tem 8 (pp. 344-348), Sekhmet dispõe de 7 (pp. 492-495), tendo sido concedidas 6 colunas a Hathor (pp. 179-183), Maet (pp. 303-305), Sechat (pp. 487-490) e Serket (pp. 495-498).

Mas esta obra não se limita a oferecer uma lista com nomes de deuses (*netjeru*), tem algo mais que a enriquece e que em muito beneficia os seus leitores. De facto, para além dos deuses e das deusas, dos «génios» e «demónios» funerários (termos que não existiam na antiga língua egípcia mas que os egiptólogos usam, à falta de melhor), este dicionário inclui palavras relacionadas com o tema, tornando desta forma a obra mais completa: é o caso de verbetes como *acacia* (p. 9), *arbre* (pp. 52-54), *argent* (pp. 56-57), *barque* (pp. 77-79), *cheval* (pp. 102-103), *fards* (pp. 153-154), *lâpis-lazuli* (pp. 281-282), *lotus* (pp. 300-301), *or* (pp. 393-394), *sycomore* (pp. 525-527). Inclui ainda elementos antropológicos como o *akh* (p. 20), o *ba* (pp. 69-71), e o *ka* (pp. 252-254), e signos relevantes como o *ankh* (p. 37), *chen* (p. 99), *courones* (pp. 111-113), *djed* (p. 124), *scarabée* (pp. 482-484), *sceptres* (pp. 484-486), *sistre* (pp. 506-507), *situle* (pp. 507-508), *papyrus* (pp. 433-435), além de elementos relacionados com o culto, como *bière* (p. 87), *eau* (pp. 129-131), *encens* (pp. 137-138), *lait* (pp. 153-154), *vin* (pp. 570-572), sendo também de registar *pharaon* (pp. 441-443) e *prêtre* (pp. 451-453).

Um outro aspecto deveras importante: numa obra dedicada aos deuses egípcios surgem também os nomes de alguns faraós, de facto «censés être de nature divine par leur naissance même et par la ritualisation de leur couronnement», e que, em certos casos, «pouvaient déjà recevoir un culte de leur vivant» (p. 21). Por isso aqui se vêem os nomes de Amen-hotep I (pp. 23-25), Amen-hotep III (identificado pelo seu prenome de Nebmaetré, pp. 354-356), Mentuhotep II (pp. 343-344), Ramsés II (pp. 459-461) e Senuseret III (p. 501).

O leitor frui ainda com a presença de conceitos como *éternité* (pp. 147-148), e espaços sagrados como *temple* (pp. 537-539), e poderá inteirar-se da importância de textos funerários como o «Livro dos Mortos» (pp. 292-293), o «Livro de Amduat» (pp. 284-285), os «Textos das Pirâmides» (pp. 539-541) e os «Textos dos Sarcófagos» (pp. 541-542), entre outros.

No final de cada verbete consta uma bibliografia sucinta que poderá ser útil aos leitores que pretendem continuar a pesquisar sobre o

assunto. No fim da obra está uma lista com as abreviaturas de periódicos, colecções e enciclopédias (pp. 575-578), uma lista bibliográfica (pp. 579-580), uma tábua cronológica (pp. 581-583) e um glossário (pp. 585-589) mais os créditos iconográficos (p. 591).

Trata-se em suma de um recomendado instrumento de pesquisa que dignifica o seu Autor, e que pode bem emparceirar com outros seus conhecidos trabalhos tanto de interesse para o grande público como para especialistas, como o catálogo *L'Égypte des Pharaons au Musée du Caire* (Paris, 1979; depois reeditado com um prefácio de Jean Leclant) e *Toutânkhamon, le Trésor* (Paris, 2000).

Luís Manuel de Araújo

ZAHİ HAWASS (texto) e **SANDRO VANNINI** (fotografias), *The Royal Tombs of Egypt: The Art of Thebes Revealed*, Londres: Thames & Hudson, 2006, 315 pp., ISBN 0-500-51322-8

Constituindo um dos vultos mais mediáticos da egiptologia actual, Zahi Hawass tem utilizado sabiamente a sua visibilidade internacional para chamar a atenção do público em geral para as questões relacionadas com a gestão e o controlo dos recursos patrimoniais do seu país. Apesar do seu trabalho como director do Conselho Supremo do Serviço de Antiguidades do Egipto o vocacionar naturalmente mais para as questões da arqueologia e da conservação, Zahi Hawass tem também contribuído com várias obras de divulgação, normalmente destinadas a um público não especializado. Luxuosamente ilustrado, o álbum que aqui apresentamos é mais uma destas obras que, embora se dirijam a esse tipo de público, tem pelo menos a virtude de abordar um tema difícil que tem permanecido uma área «hermética» no âmbito da própria egiptologia.

O objectivo do trabalho é a caracterização dos túmulos reais do Vale dos Reis os quais, apesar da enorme projecção mediática que os rodeia, são infelizmente mal conhecidos e insuficientemente documentados. O livro propõe-se, portanto, colmatar esta lacuna e a proporcionar aos entusiastas na civilização do Antigo Egipto, uma informação sucinta que torne acessível um corpo de documentos efectivamente difícil de estudar em pormenor. Como o próprio autor sumariamente refere, o estudo das grandes composições iconográficas tem sido alvo de um estudo que foi desenvolvido ao longo de